

## De filho para pai: “Nilo Póvoas, um mestre”

Marcos Amaral Mendes<sup>28</sup>

Família nuclear de Lenine de Campos Póvoas



Foto: acervo Família Póvoas

---

<sup>28</sup> Doutor em História e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Um dos últimos livros escritos por Lenine de Campos Póvoas, *Nilo Póvoas, um mestre*, expõe a trajetória familiar, profissional e intelectual do advogado, jornalista, professor e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras: Nilo Póvoas. Trata-se de justa homenagem ofertada por ocasião do centenário de seu nascimento, ocorrido no dia 2 de outubro de 1991, a despeito de se configurar como panegírico dirigido ao pai, pelo filho único. Nele, o biografado tem suas origens humildes exaltadas e é apresentado como funcionário público irrepreensível, vítima de injustiças e perseguições políticas ao longo da carreira, pai exemplar que acompanhou durante sete anos os estudos do filho no Rio de Janeiro, em meio a dificuldades financeiras, e professor muito apegado aos cânones da Língua Portuguesa.

A estrutura do livro é composta, no geral, por 13 capítulos curtos, variando entre três e sete páginas cada, exceto o último, que é mais longo e que confere uma extraordinária vivacidade à narrativa e ênfase na ação descrita. Como se trata de uma biografia, os temas dos capítulos se reportam às várias fases da vida de Nilo Póvoas. O miolo do livro é ilustrado por 14 fotografias que retratam o biografado, seus ascendentes familiares e instituições nas quais estudou e trabalhou. A obra foi impressa no Rio de Janeiro, nas Oficinas da Companhia Brasileira de Artes Gráficas às expensas do autor, estampa a data de 1991 e uma breve apresentação justificando o motivo de sua publicação.

No primeiro capítulo, intitulado *Os Póvoas em Mato Grosso*, o autor situa a origem de seus antepassados no Norte de Portugal, revela que a árvore genealógica da família em Mato Grosso ainda não está estabelecida e aponta João Fernandes Póvoas como o mais remoto ancestral nestas paragens, tendo adquirido propriedade rural na região da Chapada dos Guimarães, no final da década de 1790. Na sequência, apresenta a descendência da família até chegar a Pedro Fernandes Póvoas, que foi casado com Galdina Virgínio Póvoas e teve cinco filhos, dentre os quais Nilo Póvoas.

O segundo capítulo, grafado como *Nilo Póvoas*, localiza no tempo e na espacialidade da cidade de Cuiabá o nascimento do biografado, discorre sobre sua formação primária e secundária e apresenta alguns aspectos da infância, com ênfase nas tribulações que ele e os quatro irmãos enfrentaram, em razão dos poucos recursos financeiros que a família dispunha para a sobrevivência.

O terceiro capítulo, *Nilo Póvoas, advogado provisionado*, começa a apresentar ao leitor a trajetória profissional do homenageado. Discorre que Nilo Póvoas havia se candidato a uma bolsa para cursar Direito no Rio de Janeiro, mas foi preterido por outros estudantes encaminhados por políticos influentes, o que o levou a ingressar na Liga dos Livres-Pensadores, grupo que defendia a laicização do Estado, da sociedade e da cultura. O autor sublinha, contudo, que Nilo Póvoas nunca se tornou um radical, muito embora tenha dado o nome Lenine ao filho único como homenagem ao líder da Revolução Russa de 1917. Acrescenta que, por indicação política, conseguiu um emprego nos Correios e Telégrafos de Cuiabá e, posteriormente, se tornou advogado provisionado, ocupação por vezes chamada pejorativamente de rábula. Novamente vítima de injustiça, ao perder uma causa que encabeçava, rasgou o documento que permitia o exercício da profissão para retomá-la posteriormente. Envolveu-se, então, em uma querela que opôs os membros do Tribunal de Justiça aos advogados provisionados de Mato Grosso, disputa que foi arquivada com o advento do Estado Novo e a outorga da Constituição de 1937.

Em *Nilo Póvoas funcionário público*, o autor comenta sobre a passagem do pai por diversas repartições públicas, como os Correios e Telégrafos, a Tipografia Oficial, a Assembleia Legislativa, o Departamento Estadual de Estradas de Rodagem, a Biblioteca Estadual e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Foi, ainda, secretário particular do governador Mário Corrêa da Costa em seu segundo mandato e Diretor de Expediente do Governo na primeira gestão de Fernando Corrêa da Costa. Lenine faz questão de realçar

que, mesmo tendo exercido esses cargos públicos, Nilo Póvoas não acumulou fortuna ao longo da vida, tendo legado para sua segunda esposa apenas uma modesta casa financiada pela Caixa Econômica Federal, na Avenida Getúlio Vargas, e uma pensão irrisória que não acompanhava a alta do custo de vida.

No quinto capítulo, *Nilo Póvoas historiador*, o autor apresenta a produção historiográfica do pai. Esta foi iniciada com o lançamento, em 1918, do livro *A política de Mato Grosso e a intervenção federal*, que examina a contenda política conhecida como Caetanada, termo derivado do nome do governador Caetano de Albuquerque. No seguimento, discorre sobre o trabalho *Galeria dos varões ilustres de Mato Grosso*, que Nilo Póvoas deixou como manuscrito e que Lenine publicou em dois volumes nos anos de 1977 e 1978, quando ocupava a presidência da Fundação Cultural de Mato Grosso. O capítulo é encerrado com comentários sobre o artigo *Tradições que se extinguem*, publicado na Revista da Academia Mato-Grossense de Letras, e de palestras que proferiu nos anos de 1964 e 1965.

O biografado também labutou na seara do jornalismo, tema do sexto capítulo: *Nilo Póvoas jornalista*. Ele fundou os periódicos *A Opinião*, *Cuiabá-Revista*, *Cuiabá-Jornal* e *O Motorista*, órgão que defendia os interesses dos profissionais do volante. Foi redator d’*O Democrata* e colaborador dos jornais *A Cruz* e *O Estado de Mato Grosso*.

No sétimo capítulo, *Nilo Póvoas professor de literatura brasileira*, o autor registra que, concomitante à profissão de advogado provisionado, seu pai demonstrou aptidão para o magistério. Aprovado em concurso, foi nomeado professor de Língua Portuguesa e Literatura Nacional na Escola Normal Pedro Celestino, que formava normalistas para o professorado estadual. No exercício do cargo, elaborou o *Esboço de história da literatura brasileira* para subsidiar as aulas. A obra, prefaciada por Dom Aquino Corrêa, foi publicada em 1918 e adotada pela instituição.

O ingresso do biografado no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e na Academia Mato-Grossense de Letras é tema do oitavo capítulo: *Nilo Póvoas acadêmico*. No texto é enfatizada sua entrada nesta última instituição, sendo reproduzidos excertos do discurso de posse com laudatória ao patrono que escolheu, o padre Ernesto Camilo Barreto, e a saudação que, em nome da Academia, lhe dirigiu o professor e poeta Franklin Cassiano da Silva.

O exercício do magistério é retomado em *Nilo Póvoas professor de Língua Portuguesa*. O autor inicia a exposição contextualizando que na época não existiam cursos universitários direcionados para a formação de professores de disciplinas específicas e que as matérias eram ministradas por profissionais de outras áreas, pessoas que haviam morado em outros países (caso de língua estrangeira) ou por autodidatas. Nesse contexto, Nilo Póvoas, após ter assumido a cadeira de Português e Literatura na Escola Normal, foi nomeado, pouco tempo depois, para assumir a mesma disciplina no Liceu Cuiabano. Discorre que, rotineiramente, o pai, ao término de sua carga horária nestes dois estabelecimentos, ainda encontrava tempo para ministrar aulas particulares a filhos de pessoas do seu círculo de relacionamento, pelas quais nada cobrava. Comenta sobre o método de ensino adotado pelo pai e pelo seu irmão mais velho, Isác Póvoas, que também era professor. Encerra o texto elencando os opúsculos que Nilo Póvoas publicou sobre temáticas vernaculares.

O décimo capítulo tem o sugestivo título de *Nilo Póvoas educador*. Nele, o autor tece considerações sobre os termos “professor” e “educador” para, no prosseguimento, expor uma linha de raciocínio que subsidiou a tese de que o pai, além de excelente professor, era um educador nato. O texto reproduz a mesma fotografia utilizada na capa da obra: uma imagem de Nilo Póvoas aos 46 anos de idade, com a expressão da face serena, aberta, bigode aparado com perfeição, barba feita, cabelos com predominância de fios grisalhos e olhar fixo no observador.

Entre 1938 e 1945, o biografado e sua esposa fixaram residência na capital federal, para acompanhar os estudos do filho Lenine, temática que é desenvolvida em *Uma temporada no Rio de Janeiro*. O autor ressalta que foi uma época marcada por muitos transtornos financeiros, pois a aposentadoria a que Nilo Póvoas tinha direito como servidor público lhe foi negada pelo governo de Mato Grosso, que o colocou em disponibilidade não remunerada para ser reaproveitado em ocasião futura. A esses desconfortos somou-se a morte, em 1943, de Rosa de Campos Póvoas, primeira esposa de Nilo e mãe de Lenine.

No penúltimo capítulo, *Nilo Póvoas na intimidade*, o autor delinea os principais traços da personalidade de seu pai, não apenas em seus aspectos mais notáveis, mas também atitudes e comportamentos que destoam dos padrões socialmente aceitos na atualidade. Assim, o leitor toma conhecimento de que Nilo Póvoas era um homem dedicado à família, que as frequentes privações o levaram a desenvolver o hábito da poupança monetária, que anualmente alternava viagens ao Rio de Janeiro ou à estância hidromineral de Cambuquira, com reformas efetuadas em sua residência e que nos dois casamentos sempre assumiu a responsabilidade pela criação de inúmeras crianças pobres. Atesta que frequentava diversos eventos sociorreligiosos que transcorriam na cidade, que não apreciava o carnaval e que foi o último imperador da Festa do Senhor Divino, realizada no bairro do Porto. Confidencia que seu pai, a despeito das inúmeras injustiças sofridas, nunca foi um homem vingativo; que era um esposo ciumento; preconceituoso em relação ao modo de falar dos moradores da periferia de Cuiabá (o que também era compartilhado por Lenine); e que alguns o consideravam ríspido no trato com as pessoas.

Nilo Póvoas faleceu no dia 7 de abril de 1967 e seu sepultamento ocorreu na manhã do dia seguinte, aniversário de fundação da capital de Mato Grosso, o que levou ao cancelamento da parada cívica escolar tradicionalmente realizada. Uma consulta aos jornais da época revela que foi

um acontecimento muito lamentado na cidade. O próprio livro, em seu último capítulo, intitulado *O julgamento da posteridade*, disso fornece testemunho ao reproduzir inúmeros documentos relacionados ao evento. Lá está a nota de pesar que o governador Pedro Pedrossian enviou ao filho Lenine, o pronunciamento que o deputado José Feliciano de Figueiredo realizou na Câmara dos Deputados, o texto da lei que batizou a avenida situada no bairro Bom Jesus como Nilo Póvoas, o ofício de pesar da Câmara Municipal de Cuiabá, o discurso fúnebre proferido pelo professor Francisco Alexandre Ferreira Mendes, em nome do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras, a crônica lida pelo padre Firmo Pinto Duarte na Rádio Cultura de Cuiabá, dentre outras manifestações, incluindo recortes de jornais.

Em determinados trechos, o livro apresenta algumas notas que podem deixar o leitor aparentemente confuso, mas nada que comprometa o trabalho realizado pelo autor, pela relevância do tema e a homenagem prestada ao personagem biografado. A título de exemplificação, cite-se a informação de que Nilo Póvoas aposentou-se “[...] com os míseros proventos de professor, com os quais aguardaria o fim de seus dias” (PÓVOAS, 1991, p. 58). Contudo, duas páginas depois é testemunhado que: “*Meu pai foi das primeiras pessoas, em Cuiabá, a adquirir um aparelho de rádio-receptor. Só não comprou automóvel porque não aprendeu a dirigir*”, assegurando ainda que: “*Naqueles tempos os professores ganhavam bem*” (PÓVOAS, 1991, p. 60).

Louvável a iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso em homenagear o centenário do nascimento de um de seus membros mais notáveis, com vasta produção intelectual, a qual se inclui *Nilo Póvoas, um mestre*. A epígrafe de Júlio Dantas, que ele reproduziu nesta obra, lhe é aqui tributada: “*Felizes as famílias que têm história, porque lhes é dado o júbilo de a recordar, porque ela constitui a fonte fecunda, inesgotável e profunda de suas energias morais; porque a cada passo que dão sentem, atrás de si, o*

*registro de sua própria imortalidade*” (PÓVOAS, 1991, p. 1). Pois tal como o pai, o filho foi um sujeito ativo na sociedade, produzindo trabalhos que em muito contribuem para o esforço de interpretar a cidade de Cuiabá e o próprio estado de Mato Grosso.

## Referência

PÓVOAS, Lenine C. *Nilo Póvoas, um mestre*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1991.